

A Intellectualidade Militar Brasileira e sua Reflexão Sobre a *Blitzkrieg* na Revista *A Defesa Nacional*

JOÃO RAFAEL GUALBERTO DE SOUZA MORAIS¹

RESUMO

Este artigo mapeia e analisa o debate acerca da *Blitzkrieg* entre a intelectualidade militar brasileira no periódico *A Defesa Nacional*. O enfoque é dirigido ao impacto das vitoriosas doutrinas alemãs, aplicadas nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, sobre o pensamento militar brasileiro, que, principalmente após a queda da França, em 1940, levantaram questão sobre a validade da doutrina militar francesa, emulada por duas décadas pelo Exército brasileiro através da Missão Militar Francesa de Instrução.

Palavras-chave: *Blitzkrieg*; Exército brasileiro; Intellectualidade militar brasileira; Motomecanização; Segunda Guerra Mundial; Doutrina francesa.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo² mapeia e analisa as reflexões sobre a *Blitzkrieg* no periódico militar *A Defesa Nacional*, em busca dos impactos do fenômeno, e das inovações introduzidas por ele nos campos de batalha, no pensamento da intelectualidade militar brasileira, com enfoque nos problemas relativos à doutrina militar.

Orientado pela Missão Militar Francesa (MMF) desde princípios da década de 1920, o Exército brasileiro vinha emulando a doutrina dos manuais franceses, respectivos às diversas armas, e estava, no início da Segunda Guerra Mundial, orientado pelos mesmos preceitos de doutrina militar que fundamentavam as armas francesas.

¹ Mestre em Estudos Estratégicos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança (PPGEST-UFF). Atualmente, Doutorando em Ciência Política pelo IESP-UERJ.

² Esse trabalho é fruto de uma dissertação de mestrado defendida em 2014 pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança – PPGEST-UFF.

Quando as primeiras campanhas da Segunda Guerra tiveram início, observadores de todo o mundo passaram a constatar, atônitos, que os alicerces da doutrina militar de vários países europeus, inclusive potências militares de primeira grandeza, estavam ruindo em face dos métodos introduzidos pela máquina de guerra alemã. Os dois primeiros anos do conflito provocaram fortes reações no meio militar, pois testemunharam a ascensão de uma nova forma de combate, então apelidada de “guerra relâmpago” devido à sua capacidade de decisão rápida.

Essa capacidade de decidir rapidamente uma batalha, sobretudo no nível estratégico, estava há muito tempo perdida. Pode-se dizer que a *Blitzkrieg* representou a reinvenção da ofensiva na guerra, após o impasse nas trincheiras ocidentais, em 1914-18, que legaram doutrinas baseadas na guerra de posição. Desta forma, ela foi o marco de ruptura que proporcionou aos exércitos a retomada do controle das ações ofensivas ao equilibrar novamente fogo e movimento, os dois elementos fundamentais do combate, esfacelando as doutrinas legadas pela Primeira Guerra Mundial.

Por essa ruptura, pode-se inferir o quão revolucionário pareceu quando ela surgiu e derrotou o Exército polonês em poucas semanas. Mais ainda, quando o avanço alemão pela Floresta das Ardenas estraçalhou a retaguarda francesa e empurrou as forças aliadas na direção do Canal da Mancha, em maio de 1940. Para os militares brasileiros, então habituados à assimilação sistemática do modelo francês, esses eventos tinham o potencial para significarem um verdadeiro abalo sísmico.

1.1 Metodologia

A pesquisa mapeou e analisou um total de 358 textos considerados relevantes para o objeto tratado, de um total de 1794 artigos publicados no período. A análise procurou destacar artigos em um quadro comparativo a partir de três recortes específicos: antes da guerra (1936-1939), procurando identificar os padrões da influência francesa; durante os primeiros anos da guerra (1939-1940), correspondentes às *blitzkriegs* vitoriosas; e de 1941 a 1944, cuja reflexão sobre a *Blitzkrieg* aparece mais madura e influenciada pelos fatos da guerra germano-russa, que contrabalançaram, para muitos, as fortes impressões deixadas pelas vitoriosas campanhas alemãs de 1939-1941.

Assim, para fins não apenas de abrangência das reverberações desse debate que possam estar fora do alcance específico do período em que seus eventos catalisadores foram

produzidos e vivenciados, como também para fins de comparação, as fontes analisadas cobrirão um período maior do que os três anos que abrigam o objeto de estudo tratado.

Cumpre, também, analisar a relação entre os artigos produzidos por oficiais brasileiros e aqueles traduzidos de outras partes, bem como quantificar e analisar as influências emuladas dessas traduções. Para tanto, optamos pela análise de conteúdo, método adequado à análise das comunicações, pois, através da descrição e da análise quantitativa é possível partir para a interpretação qualitativa das fontes. Para Constantino (2002, p. 185), a análise de conteúdo é uma alternativa metodológica de bastante valor para o historiador. Desta forma, o método pareceu bastante oportuno para o objetivo desta pesquisa. A leitura dos artigos da revista, sua classificação e descrição permitem a inferência através dos dados obtidos pelo procedimento.³

Por fins metodológicos, o trabalho começa a tratar dos artigos de 1936 em diante, a fim de proporcionar um panorama da mentalidade resultante do intercâmbio militar com a França às vésperas da Segunda Guerra Mundial, quando alternativas de emprego distintas daquelas abraçadas pelo Exército francês já estavam em experimentação e desenvolvimento, sobretudo na Alemanha. Além disso, o período recortado tem especial relevância por ser marcado pelos conflitos mais importantes desde o final da Primeira Guerra, como a guerra entre Japão e China, o conflito entre Itália e Abissínia e a guerra civil na Espanha. As observações e análises das experimentações nestes conflitos irão dialogar com os manuais produzidos e orientados pelo legado pós-1918, especialmente a Guerra Civil Espanhola, que opôs, ainda que indiretamente, potências europeias, servindo de importante teste para o material e para algumas doutrinas de emprego.

A escolha d'A *Defesa Nacional* justifica-se pela relação histórica desse periódico com a busca pelo profissionalismo militar no Brasil. Desde sua fundação, a publicação sempre primou pela excelência técnica e pelas discussões internas ao campo de batalha, o que converge com o enfoque escolhido para o tema.

1.2 A Influência Francesa no Exército Brasileiro

O Exército brasileiro vinha sendo instruído por uma missão francesa desde princípios da década de 1920, o que acarretou em significativa mudança na formação do corpo de oficiais, orientando a organização para rumos mais profissionais. Vale lembrar que a mesma já havia

³ A inferência é o processo de compreender o sentido da comunicação, desviando o olhar para significados ocultos que podem estar em segundo plano.

entrado em contato com o Exército alemão através do intercâmbio dos “jovens turcos”⁴, experiência que pavimentou o terreno para o interesse da jovem oficialidade por mudanças no sentido de padrões mais profissionais em substituição às velhas e caducas estruturas organizacionais anteriores. As consequências dessa ruptura apareceram mais nítidas no movimento tenentista, caracterizado principalmente por demandas políticas que ajudaram a desenvolver condições para as transformações ocorridas em função da MMF.

Como afirma McCann (2007, p.41), a educação militar no Brasil antes da Missão Militar Francesa era “um tipo de educação que produzia escritores, burocratas e políticos, mas não comandantes de campanha competentes.” O ensino do Exército era mais voltado para as ciências humanas do que para a ciência e a arte militar. Contra essa corrente remavam – a partir de 1906-1910 –, isolados, os jovens oficiais batizados pela experiência junto ao Exército alemão.

Em 1921, sob o comando do General Maurice Gamelin, teve início a Missão Militar Francesa de Instrução, cujo objetivo principal era a modernização da força militar brasileira, mediante, principalmente, reformas no sistema de ensino e instrução. A MMF visava instruir o corpo de oficiais brasileiros com vistas a prepará-los para exercerem as tarefas de Estado Maior (planejamento, formulação de doutrinas e condução da organização militar de forma geral), fomentando o amadurecimento tático, estratégico e operacional dentro dos padrões da época. Para isso, foram criadas escolas de instrução em diversos níveis para transmitir os conhecimentos legados pela missão aos escalões inferiores da hierarquia, e foi instituída a prática de exercícios (manobras) anuais para adestrar generais nas práticas operacionais. “Foi na formação de bons oficiais de Estado Maior que a missão exerceu seu maior impacto.” (Carvalho, 2005, p. 28-29. Domingos Neto, 2007, p. 237-241). Os ensinamentos táticos foram repassados e gradualmente se difundiu a unidade de doutrina.

Apesar de ter durado oficialmente até 1940, devido a divergências entre membros da missão e membros do Estado Maior brasileiro (que almejavam apenas aprender os modelos necessários à modernização do Exército e à incorporação das funções necessárias ao funcionamento do EME, mas tinham de lidar com a excessiva intromissão francesa na

⁴ Apelidados de “jovens turcos” ironicamente em referência aos reformadores militares de Mustafá Kamel, que modernizaram o Exército turco sob orientação alemã, esses oficiais brasileiros passaram dois anos na Alemanha, divididos em três turmas, em 1906, 1908 e 1910 (Carvalho, 2005, p. 27). Após o intercâmbio no Exército alemão, esses jovens oficiais retornaram decididos a modernizar o Exército brasileiro mediante a incorporação de características observadas no modelo germânico, então considerado um dos Exércitos mais modernos e competentes do mundo, dotado do corpo de oficiais tido como o mais profissional desde os tempos de Bismarck.

condução das atividades do EME, além da já mencionada administração francesa nas escolas), a MMF já estava consideravelmente reduzida em meados da década de 1930, em grande parte, também, devido à rapidez com que os oficiais brasileiros assimilaram os ensinamentos da experiência (Louro, 2011, p. 65. Domingos Neto, 2007, p. 244).

1.3 A Reflexão Anterior à II Guerra Mundial (1936-39)

Até o começo da Segunda Guerra Mundial, é rarefeita a produção de artigos sobre temas inovadores, referentes ao que de última geração em matéria de armas e doutrinas se estava produzindo e discutindo nos meios militares no exterior. A influência de exércitos que não o francês é praticamente ausente nesse período, marcado por um número significativo de traduções de periódicos das Forças Armadas francesas e muitos artigos indígenas orientados pelos manuais franceses.

Não obstante a rigidez da maioria das reflexões, o percentual de artigos preocupados com os problemas de inovação militar aumenta ano a ano durante este período imediatamente anterior à guerra, ainda que esse aumento possa ter produzido resultados ainda muito inexpressivos (a explicação para o aumento é a emergência de conflitos na segunda metade da década de trinta, com destaque para a Guerra Civil na Espanha⁵).

Não obstante as análises serem qualitativamente limitadas pela influência francesa, de onde provém a maioria das traduções (quase 70%), em termos quantitativos o assunto começa a se destacar gradativamente.⁶ Observando o desenvolvimento dos engenhos blindados nas potências, a produção intelectual do Exército francês publicou artigos sobre o tema, alguns dos quais foram traduzidos n'A *Defesa Nacional*. Essas publicações atestam o tipo de preocupação que fundamentava a doutrina francesa, muito atida a questões técnicas e sempre dando ênfase à defesa.

⁵ Além do livro de De Gaulle, em 1937 foi publicado o livro do então Coronel Heinz Guderian, um minucioso estudo sobre as possibilidades do engenho mecanizado. Neste livro encontra-se a filosofia de emprego das divisões *panzer* e uma vasta análise sobre o que, na opinião dos alemães em geral, parecia ser o estado da arte militar em fins dos anos 1930. O livro de Guderian apresenta uma perspectiva parecida com a de De Gaulle e outros poucos militares naquele momento, conforme explorado no primeiro capítulo. Não há vestígio dessas perspectivas ou desse debate nas edições d'A *Defesa Nacional* até o começo da Guerra. A reflexão militar aparece enviesada pela doutrina francesa, sem espaços para contraditório.

⁶ Certamente, a observação das realizações alemãs por meio de demonstrações e manobras foi a razão desse aumento das reflexões em torno do problema em todo o mundo, principalmente entre as potências. Nesse momento, vale pontuar, o Terceiro Reich já havia escancarado sua política de rearmamento e Hitler já havia remilitarizado a Renânia, em 1936, e anexado a Áustria e a região dos Sudetos da Tchecoslováquia, em 1938. Essa conjuntura política certamente chamou muita atenção para o progresso do desenvolvimento e rearmamento da Alemanha, que tinha nas divisões *panzer* um dos maiores destaques em suas forças armadas.

2 O MAPEAMENTO DO DEBATE SOBRE A *BLITZKRIEG* (1939-1944)

Em outubro de 1939, segundo mês da Segunda Guerra Mundial (e primeiro mês d'A *Defesa Nacional* que poderia ter trazido alguma publicação sobre as operações alemãs), não há nenhum artigo sobre a guerra. De fato, o artigo mais relevante é sobre as batalhas de blindados na Espanha (uma tradução sem especificação quanto à sua origem, que faz menção a observações de alemães e franceses sobre o desempenho dos carros naquela guerra), publicado em dois segmentos (setembro e outubro). Intitulado *A Batalha dos Tanks na Frente de Madrid*, o artigo critica os blindados leves alemães, que sofreram revezes então considerados incontestáveis em batalha.

O carro alemão, que forma o esqueleto das novas “Panzer Divisionen” alemãs, frequentes vezes (...) julgadas com exagero, se revelou como um instrumento medíocre, quase sem utilidade. Setenta a cem tanks dessa espécie foram até este momento capturados das tropas do General Franco depois de combates, muitos deles insignificantes. Em muitos casos, pode-se mesmo dizer na maior parte, foram obrigados a se renderem depois de terem sido atingidos, ligeiramente, por balas de metralhadoras ou mesmo de fuzis de infantaria. Ainda que, por motivos fáceis de compreender, a crítica que os técnicos alemães fizeram sobre os carros engajados na “revolução geral espanhola”, ainda que bastante reservada, não permanece ela menos severa e instrutiva (Brigido, 1939, p. 28).

De fato, apenas em 1940 começam a aparecer os primeiros impactos da Segunda Guerra Mundial na publicação brasileira, e os números mostram uma ruptura com alguns padrões anteriores. É notável a queda da influência francesa a partir daí, embora ela não se encerre. Surgem muitos artigos, publicados, em sua maioria, nos dois anos seguintes, sobre o emprego de blindados e sobre eventos ocorridos nos campos de batalha europeus, sobretudo nas batalhas da França. Muitos desses artigos são traduções: primeiramente, francesas (em 1940) e depois, alemãs, de revistas da *Wehrmacht* (a partir de 1941). As traduções alemãs passam a crescer na proporção em que as francesas decaem, mas jamais alcançam número expressivo.

A produção de autoria nacional permanece praticamente a mesma de 1939 para 1940. Os primeiros textos abordando a campanha polonesa aparecem somente em junho de 1940, mês em que a França agonizava à beira da rendição. Este fato não parece ser coincidência. Até este momento, não há nada digno de nota nas publicações dos meses anteriores. Ao que tudo indica, diferentemente da campanha polonesa, a campanha da França provocou imediata resposta no periódico.

Como a batalha da França ainda estava em curso, há artigos sobre a primeira *blitzkrieg*, enviesados pela visão francesa. Os artigos *As Grandes Unidades Mecanizadas na Polônia* e *A Guerra Mecânica*⁷ analisam detalhes da campanha. O sucesso alemão aparece creditado à superioridade material, técnica e moral do seu Exército, e não é dada muita atenção a questões relativas ao emprego das armas e tropas.

A reflexão produzida neste ano crucial para a Segunda Guerra Mundial é ainda escassa e muito orientada pela doutrina francesa, além possuir poucos artigos de produção nacional. Dada a rigidez da instituição militar, não se pode esperar mudanças radicais da noite para o dia. Somente após a derrota francesa a reflexão brasileira desperta para o fenômeno da *Blitzkrieg*, mas as primeiras publicações (sobre a campanha polonesa) são traduzidas da França, e mostram-se ainda pobres quanto à reflexão sobre doutrinas, além de muito descritivas. Isso sinaliza, em parte, as razões do fracasso do Exército francês em maio de 1940.

2.1 A Intensificação do Debate (1940-41)

O volume de discussão sobre as novidades da II Guerra tem o seu auge nesse recorte. É nesse ano que a produção brasileira atinge o seu pico, ultrapassando de longe o número de traduções. Esse momento reflete o conflito entre os eventos no campo de batalha, que depõem contra a doutrina francesa, e a rigidez do meio militar brasileiro, preocupado em salvá-la do completo fracasso.

O ano de 1941 apresenta um total de 242 artigos, dos quais 72 (29,7%) correspondem aos temas relativos à *Blitzkrieg*, um crescimento notável em relação aos anos anteriores. Este ano marca um aumento substancial das reflexões sobre a motomecanização e traz alguns artigos específicos sobre a queda da França, evento que, de fato, impactou enormemente o pensamento militar brasileiro. Não obstante, em meio às análises ressaltando aspectos materiais, morais ou quaisquer capazes de atenuar problemas nas doutrinas francesas, pode-se constatar, no mínimo, certa preocupação com a validade delas após os eventos de maio/junho de 1940. Esse ano (1941) marca, também, o começo da guerra entre Alemanha e Rússia, palco das maiores *blitzkriegs* (e batalhas) da história. Essas batalhas levariam à produção de grande quantidade de artigos, a maioria composta por traduções norte-americanas que aparecem do ano de 1942 em diante, já no bojo da aliança militar Brasil-EUA.

⁷ Ambos traduções francesas.

Os artigos de 1941 apresentam, também, um aumento considerável (em termos percentuais) de traduções de periódicos militares alemães. As operações alemãs são observadas com enfoque especial no emprego do carro de combate e as vitórias dos exércitos mecanizados aparecem como razão do sucesso, sendo abordadas como obra de grande genialidade militar frente à apatia que reinava nas doutrinas das demais potências sobre as possibilidades de emprego desta arma. Estes trabalhos ressaltam os métodos de emprego e as doutrinas alemãs, muitas vezes contrastando-as com a doutrina francesa. Assim, há um confronto de ideias entre artigos em defesa da doutrina francesa e artigos em exaltação aos métodos e ações das grandes unidades mecanizadas alemãs.

Dentre os 72 artigos destacados da produção total daquele ano, 14 (19%) são traduções, uma queda significativa na emulação de reflexões estrangeiras. Destas, apenas duas (14% do total) são francesas. Há seis (42,8%) traduções diretas de periódicos alemães, número seis vezes maior que no ano anterior, totalizando quase a metade de toda a emulação naquele ano. Começam a surgir artigos norte-americanos, ambos sobre operações alemãs na França com enfoque nas divisões blindadas.

Dentre os artigos de produção nacional, destaca-se, sem sombra de dúvidas, o trabalho do Major Nilo Guerreiro Lima, *O Bombardeio em Mergulho e A Aviação de Assalto*. O texto apresenta excelente exposição técnica sobre os *Stukas* e sobre o conceito de emprego do avião bombardeiro de mergulho.

A aviação de assalto desempenha também um papel importante no ataque às tropas e comboios em marcha, especialmente em casos de retirada, onde juntamente com os demais aviões (...) atacam à baixa altura a bomba e metralhadora. Em certos casos, para quebrar o moral e impor mesmo o pânico, são empregadas bombas sibilantes e bombas com retardo. As primeiras impressionam pelo terrível assobio, misto de sons alucinantes; as segundas pela surpresa de suas explosões. Aliás as bombas com retardo têm tido, na atual guerra, um grande emprego, especialmente nas operações de transposição dos cursos d'água e no ataque aos centros industriais (Lima, p. 208).

Fechando a conta, há 4 artigos de outras origens, somando 28,5% das traduções. Dentre estes últimos, destaca-se *A Importância das Transmissões no Exército Alemão*, texto oriundo de uma publicação do Exército espanhol, que trata de um problema crucial à *Blitzkrieg*. O texto reverencia os feitos alemães citando a estupefação causada pelas vitórias da *Wehrmacht*:

Nas primeiras batalhas do Oeste (campanha da França), a imprensa mundial, foi prodigiosa em notícias e artigos, sobre o aparecimento de misteriosas armas, cuja atuação, produzindo efeitos quase sobrenaturais, era o motivo das suas fulminantes vitórias. Outros informantes se referem ao descobrimento de “armas secretas”, cujo

poderio explica perfeitamente a facilidade com que o Exército alemão conseguiu os seus grandes triunfos (Silveira, 1941, p. 137).

O autor aborda, então, uma das razões mais fundamentais dos sucessos alemães. Com a vastidão do campo de batalha moderno, proporcionada pelo alcance cada vez maior das armas, as dificuldades de comando e controle se tornaram enormes, dificultando avanços rápidos de grandes unidades, sob o perigo de perderem contato umas com as outras e com as esferas superiores de comando, como ocorreu em 1914 com as unidades alemãs no Marne, que passaram a manobrar isoladamente. Segundo o autor, foi aquela experiência que impulsionou o desenvolvimento do sistema de transmissões do Exército alemão, essencial ao espírito ofensivo da *Blitzkrieg*.

Do mesmo modo que no homem o cérebro está ligado a todos os membros executores pela complicada rede do sistema nervoso, onde a sua falta representa a inação do órgão correspondente, do mesmo modo o exército como organismo, o seu comando – cérebro – precisa de muitas redes de transmissões – sistema nervoso – para que as ordens cheguem até os últimos executantes, e para que as informações destes, (reações musculares) – sejam imediatamente conhecidas pelo comando (ibidem, p. 138).

Para o autor, o “segredo” do sucesso alemão é a iniciativa ao longo da cadeia de comando.

A extensão das várias frentes de luta faz com que o comando superior – e por sua vez cada um dos escalões – não possa dirigir a batalha com os pormenores, devendo, portanto, atribuir maior iniciativa aos comandos subordinados (ibidem: 139).

Este princípio é completamente contrastante com a doutrina francesa, e foi uma das diferenças principais a favor do Exército alemão em maio/junho de 1940.

2.2 O Ano de 1942: Primeiros Debates Sobre a Doutrina Francesa e a Influência Ascendente dos EUA

O ano de 1942 apresenta uma enorme quantidade de artigos traduzidos dos periódicos militares norte-americanos. O Exército brasileiro começa a alinhar-se às doutrinas norte-americanas, que, por sua vez, estão em fase de transformação e aprendizado com a guerra. Uma parte considerável desses artigos revela emulação das doutrinas e métodos alemães por parte dos norte-americanos.

Há também uma emergência de trabalhos em defesa da doutrina francesa, negando rupturas entre os manuais anteriores à guerra e à *Blitzkrieg*. Estes trabalhos primam pela tentativa de desmentir a vocação defensiva da doutrina francesa, e justificam os êxitos alemães pelo excelente treinamento das tropas e (suposta) superioridade em equipamentos.

Muitos artigos analisam o emprego de blindados e armas combinadas tratando as experiências alemãs como casos exemplares, enfatizando os problemas de comunicação. Em meio a tantos esforços conjuntos, entre tropas muitas vezes distantes centenas de quilômetros na mesma batalha, tornou-se fundamental o melhoramento dos sistemas de transmissão, a fim de proporcionar um eficiente aparato de comando e controle, sem o qual nada disso seria possível em primeiro lugar.

O artigo *A Doutrina Francesa e a Guerra de 1940* (Araripe, 1942, p. 9-24), escrito a partir de observações feitas pelo General Bourget, desenvolve análise cujo resultado é uma defesa contumaz da doutrina francesa. O ponto do artigo é, justamente, analisar qual seria a relação entre a doutrina francesa e a derrota contra a Alemanha. Araripe cita trechos do regulamento de instrução de 1937 (orientado pela MMF) sobre a defensiva e a ofensiva, e analisa-os criticamente. Em primeiro lugar, ele questiona se teria a doutrina francesa tido oportunidade de ser aplicada. Ele afirma que, dadas as condições do ataque alemão, a resposta é negativa. No entanto, não deve-se poupar a França de crítica por não ter agido ofensivamente entre setembro de 1939 e maio de 1940, como preconizava sua doutrina estratégica, que afirmava que somente a ofensiva tem o poder de decidir.

Sem desconhecer a importância dos progressos realizados a partir dessa época (1921) no domínio dos meios de combate e de transporte, a Comissão de redação da presente Instrução estimou, contudo, que esses progressos de ordem técnica não modificavam sensivelmente, no domínio tático, as regras essenciais estabelecidas por seus antecessores (...) e que o corpo da Doutrina, objetivamente fixado no dia seguinte ao da vitória por chefes eminentes que acabavam de exercer altos comandos, devia continuar sendo a base para o emprego das nossas grandes Unidades (I.G.U. francesa apud Araripe, 1942, p. 10).

Daí conclui-se que:

Nem a organização das frentes fortificadas, nem o aumento dos engenhos anti-carros, nem o desenvolvimento das forças aéreas e dos meios de defesa anti-aérea e, enfim, o aperfeiçoamento dos meios de transmissão (tais são os progressos táticos enumerados), são de molde a abalar os ensinamentos da Guerra de 1914-18, tais como foram codificados pelos artífices da vitória (Araripe, 1942, p. 10).

O artigo procede a uma comparação entre as doutrinas alemã e francesa no tocante ao ataque, constatando diferenças importantes: os alemães, diferente dos franceses, têm nas divisões blindadas a primazia do combate; elas são autônomas no Exército alemão, de modo que os carros não se encontram sujeitos à infantaria. As divisões mecanizadas alemãs têm objetivos próprios, diferentemente das francesas, que funcionam em auxílio às missões da infantaria; as divisões blindadas alemãs utilizam-se, deste modo, do apoio e cobertura da infantaria motorizada, o que evidentemente antagoniza completamente com a doutrina

francesa. Além disso, a cooperação com a aviação não aparece enfatizada nos manuais franceses, segundo o autor. Neles, esta arma aparece como complemento às ações da artilharia, e não se fala em ações combinadas entre aviação e carros de combate em missões de ruptura.

Embora o texto identifique diferenças significativas entre as duas doutrinas com relação ao emprego das armas, paradoxalmente, reluta em admitir a defasagem da doutrina francesa frente às possibilidades exploradas pelos alemães, que as experiências demonstravam serem inequivocamente bem sucedidas.

Outro texto destacado desse ano sobre a questão central é *Reflexões Sobre a Doutrina de Emprego dos Carros de Combate* (Mourão Filho, 1942), que traz à tona análises detalhadas dos diversos tipos de ação do engenho blindado, a partir das experiências alemãs na guerra. O trabalho tem o grande mérito de confrontar as operações na Polônia e na Frente Ocidental com a guerra na Rússia, onde, em 1942, os alemães vinham colhendo frustrações no emprego clássico da *Blitzkrieg*, chegando mesmo a abandoná-la em proveito de outros modelos de ataque.⁸

O texto do Major Olympio Mourão Filho questiona se há mesmo alguma diferença entre as doutrinas alemã e francesa, atestando que não. Para Filho, a doutrina de emprego é uma, universal, podendo variar apenas dentro dos limites técnicos das armas em cada situação determinada. Deste modo, o fracasso do Exército francês estaria em fatores diversos, fora do escopo da doutrina.

Afirmam uns que a (doutrina) francesa é má, está errada e levou a França à derrota; que a alemã foi sagrada pela vitória e assim devemos adotar esta. Outros dizem que não podemos abandonar a francesa porque é a doutrina do nosso Estado Maior e, sem que este alto órgão a modifique, não é lícito, nas escolas, o estudo de outra. A discussão não tem a menor base, a menor razão de ser, porque, em verdade, não há duas doutrinas. Quem estuda com atenção os regulamentos franceses verifica que os alemães empregaram seus carros de acordo com o que lá está escrito. A única coisa que se pode constatar (...) é que o Alto Comando da França não fez o emprego estratégico dos carros, seja porque não os possuía em quantidades suficientes, tendo-os divididos pelas várias G. U., seja por falta de uma Aviação adequada, ou outro motivo qualquer. Mas, o estudo dos regulamentos põe em evidência os princípios do emprego, exatamente como parece ter sido feito pelo Exército alemão (Mourão Filho, 1942, p. 71).

⁸ Depois que os russos demonstraram ter aprendido o antídoto contra a *Blitzkrieg*, isto é, defesas em profundidade muito bem organizadas, além de retiradas bem executadas, coube aos alemães desenvolver novos métodos capazes de obrigar as forças russas ao engajamento visando destruí-las. No caso, o sistema de “cunha e cerco”, caracterizado por ataques visando atrair contra-ataques inimigos contra a própria retaguarda para, então, com uma manobra de pinça efetuada por tropas que vêm de trás, externamente ao centro de gravidade da batalha que tomou lugar primeiramente, cercar e aniquilar as forças russas empenhadas no contra-ataque, usando as unidades de vanguarda, originalmente atacadas pela retaguarda para impedir qualquer possibilidade de fuga.

O autor, assim, defende que não havia novidade profunda nas operações alemãs, e que a principal diferença entre a vitória e o fracasso estaria em circunstâncias exteriores à doutrina. Após exame detalhado das lições da guerra sobre o emprego tático e estratégico dos carros de combate, o texto adentra a questão da doutrina, procurando oferecer maiores explicações a partir de sua hipótese central (de que não há nada intrinsecamente errado com a doutrina francesa).

Sem dúvida alguma, há necessidade de ser feita uma revisão na doutrina. Mas é preciso agir com a máxima cautela porque definir onde e como modificar, é problema complexo que pode afetar todo o corpo de doutrina. O *livre exame* deve ser rigorosamente vedado – ou as consequências sobre o edifício de nossa cultura militar, de apenas 20 anos de espessura, poderão ser o desabamento sem qualquer proveito. As primeiras impressões são, na maioria das vezes, algo perigosas porque os fatos observados com muita proximidade de tempo, não oferecem panorama e podem conduzir a falsas conclusões (ibidem, p. 30. Grifo do autor).

3.3 Os últimos impactos da *Blitzkrieg*: 1943-1944

Nestes últimos anos do recorte estabelecido para o trabalho, observa-se um ligeiro aumento na produção sobre a II Guerra e a *Blitzkrieg*, a maioria sob a influência norte-americana. Em 1943, dos 176 artigos publicados, 61 (34,6%) são relevantes à pesquisa, sendo 10 (16,4%) brasileiros, 2 (3,3%) franceses, 2 alemães (3,3%), 41 (67,2%) norte-americanos e 6 (9,8%) provenientes de outras nações. Em 1944, observamos mais ou menos o mesmo percentual de artigos relevantes, 77 para 213 publicados (36,1%). A produção nacional volta a subir, mais do que dobrando, e soma 29 (37,6%) desse total. Dentre os demais, há 4 (13,7%) franceses, 40 (51,9%) norte-americanos e 4 (13,7%) de outras origens. Nenhum artigo alemão foi publicado neste ano com relação aos temas pesquisados.⁹

Nestes anos finais, pois, observa-se a consolidação da produção norte-americana, atingindo a marca de metade das publicações sobre a Segunda Guerra Mundial e temas correlatos às inovações levadas aos campos de batalha desse conflito. É importante destacar que a produção indígena também estabiliza-se em altos níveis em comparação com o padrão anterior à guerra, quando a MMF estava em curso. No entanto, observamos uma queda brusca em relação a 1941, quando ela atingiu a casa dos 80%.

A partir de 1943, aparecem artigos destacando as façanhas da cavalaria soviética, reacendendo o debate sobre o cavalo e o motor. Os êxitos da cavalaria russa deram nova chance para os cavalarianos brasileiros advogarem em causa própria, defendendo a

⁹ Ver tabela 4.

mecanização apenas parcial e a importância essencial da tropa montada, a única capaz, segundo eles, de cumprir determinadas missões.

A partir de 1943 recrudescer o debate sobre os méritos ou deméritos da doutrina francesa. Com a guerra na Frente Oriental atingindo o seu 3º ano, observadores militares passaram a levar em conta os feitos do Exército Vermelho. Não se pode ignorar que o emprego das forças soviéticas alcançou grandes êxitos por diversas vezes, principalmente no emprego da cavalaria, tropa que sempre foi de alto nível entre os russos. Esses acontecimentos levaram ao questionamento da *Blitzkrieg*, com revisões às entusiasmadas impressões dos primeiros momentos, tomando como base para a crítica os métodos defensivos desenvolvidos pelos russos, que teriam sido os responsáveis pela interrupção da capacidade ofensiva alemã. O que essas revisões parecem perder de vista é a hecatombe na qual mergulharam as forças soviéticas em 1941, mesmo após três anos de preparo intenso para uma guerra que puderam observar enquanto a *Wehrmacht* derrotava exércitos de diferentes línguas e nacionalidades.

Em *A Doutrina de Guerra Francesa e a Campanha de 1940* (Herrera, 1944), a doutrina francesa é duramente criticada, e é posta em descrédito após a derrota em 1940. O artigo é enfático como poucos ao tomar posição e apontar as diferenças inerentes às doutrinas (francesa e alemã) como a causa primeira daquele resultado tão fatídico para os franceses. O Capitão Heitor A. Herrera aponta a necessidade de uma revisão crítica da doutrina francesa, por parte do Estado Maior do Exército brasileiro.

(...) se os franceses possuísem a superioridade material, as suas ideias antiquadas impedi-los-iam de alcançar qualquer êxito. Toda a gente pode ver que eles não alcançariam Berlim tão depressa como os alemães alcançaram Paris (Miksche apud Herrera, 1944, p. 82).

Segundo a perspectiva de Herrera, observamos que os métodos e engajamentos aplicados nas batalhas velozes da II Guerra correspondem a nada mais que os velhos métodos dos quais Napoleão fora mestre, à frente do Exército francês 120 anos antes. Porém, a acomodação da doutrina francesa diante dos novos armamentos e dos novos meios de combate, sobretudo o blindado e o avião – cuja combinação expandiu os horizontes da batalha em todos os níveis –, acabou por oferecer ao principal inimigo da França inestimável vantagem em 1940.

Herrera conclui que a resistência de muitos em criticar e revisar a doutrina francesa está relacionada a um apego emocional, correspondente à idolatria e à conservação do que

sempre se entendeu como vitorioso, de tal ordem, historicamente, que escapa para estes ao exame dos fatos.

Antigos e constantes admiradores da França eterna, do fulgor de seus gênios e do clarão de epopeia de seu passado; familiarizados com a elegância e clareza de seu espírito, que iluminou o mundo durante séculos; estudiosos de suas obras, que nos orientaram e esclareceram; discípulos de sua doutrina de guerra, que nos veio através da palavra de seus militares mais ilustres – todos nós assistimos, estarecidos, à queda do ídolo. Na confusão da hecatombe, ofuscados pelo esplendor, pela potência, (...) do adversário, uma onda de descrença nos invadiu: todo um sistema laboriosamente arquitetado ruía num fragor de arcabouço solapado. Passada, porém, a estupefação das primeiras notícias e estudados, com vagar, os elementos que nortearam o emprego da formidável máquina nazista – foi-se acentuando a convicção de que tudo se resumiria na aplicação metódica, com meios poderosos, dos velhos princípios que o gênio napoleônico codificara, há mais de um século, nos campos de batalha de toda a Europa (ibidem, p. 89).

Este artigo suscitou, no mínimo, algum impacto, e recebeu uma resposta enfática, apenas dois meses depois. *Doutrina de Guerra e Processos de Ação* (Magalhães, 1944) assume a defesa da doutrina francesa, então posta no banco dos réus pelo Capitão Herrera. Apresentado como “carta aberta ao Cap. Heitor A. Herrera, pelo Cel. J. B. Magalhães”, o artigo ataca duramente o artigo analisado acima.

Nós o felicitamos sinceramente por seu artigo, mas sentimos nele haver em seu espírito de jovem um gosto particular, e *muito natural*, pelo que é novo, com um certo deleite em repudiar o que é velho. Nós que somos velhos, preferimos tomar por base as coisas já estabelecidas e procurar ver nos fatos novos em que é que elas são modificadas. E não procedemos assim por caturrice nem porque o reumatismo – que graças a Deus o não temos – nos aperreie o ânimo. É por isto que afeito a *Doutrina francesa*, por formação e convicção, não pudemos deixar de lhe escrever estas linhas. *Que é a Doutrina francesa de guerra?* Ter um método de raciocínio, capaz de analisar os fatores de uma situação *qualquer de guerra – missão* (o que se quer fazer); *terreno* (onde se tem de fazer o que se quer); o *inimigo* (o que se nos pode opor); e *meios* (o com que contamos para realizar o que queremos), *é o que há de essencial*. O resto é questão de interpretação e de arte, o que depende da capacidade de julgamento dos homens e de suas *aptidões naturais judiciosamente cultivadas pela meditação e pelo exercício* (Magalhães, 1944, p. 14-15. Grifos do autor).

Este debate franco dá pistas sobre o estado da reflexão militar brasileira naquele momento. Se num primeiro momento houve estupefação pelas vitórias alemãs, depois de decorridos alguns anos da campanha da Rússia o tom era de atenuação das outrora impactantes *blitzkriegs*, a partir da influência dos desastres alemães do final de 1942 e meados de 1943, que começaram a fazer daquela frente de batalha o cemitério da *Wehrmacht*. Três quartos das Forças Armadas alemãs seriam enterrados ali, entre homens e máquinas, computando ao *Front Oriental* a arena decisiva da guerra na Europa.

4 CONCLUSÃO

As reflexões dos militares brasileiros sobre a *Blitzkrieg* revelaram grande dependência militar em relação à França, bem como a predisposição em buscar no exterior a emulação de doutrinas militares. O resultado mais impressionante da pesquisa pode ser considerado, sem dúvida, a constatação da influência francesa para além da queda da França, embora haja críticas à sua doutrina, como o artigo do Capitão Herrera. Impressionante foi, porém, constatar que a guerra no *Front Oriental* serviu de base para as arguições conservadoras que, aparentemente, haviam sido caladas pelos anos iniciais do conflito.

A partir daí, constatamos que a hipótese inicial do trabalho, de que o impacto das campanhas alemãs do auge da *Blitzkrieg* (1939-1941) teria levado a intelectualidade militar brasileira a colocar em xeque as doutrinas francesas, não se confirmou. Observamos, sim, uma preocupação em interpretar os acontecimentos, que veio tardiamente na forma de traduções que, aos poucos, cederam espaço a um grande volume de artigos indígenas, que passaram então a ceder novamente terreno para traduções norte-americanas. Mas a influência das doutrinas francesas ainda foi comprovada nos anos finais do recorte.

O trabalho procurou, ademais, esclarecer o perfil das influências que marcaram as publicações do período. O ano de 1941, em contraste com 1939 e 1940, apresenta uma quantidade elevadíssima de artigos referentes ao blindado, à *Blitzkrieg*, ao papel da aviação na combinação de armas com os exércitos e à II Guerra como um todo, sendo que mais de 80% dessa produção foi nacional. Essa quantificação aponta claramente para um vácuo deixado pela influência francesa nesse momento, então ocupado pelas reflexões brasileiras. No ano seguinte, esse espaço começaria a ser novamente ocupado por uma potência militar, neste caso, os Estados Unidos, que estreitavam laços com o Brasil culminando na Aliança Brasil-EUA, fechada em 1942. A partir daí, a produção nacional decaiu e a influência norte-americana no Exército brasileiro desponta.

Nos anos finais do recorte, 1943 e 1944, intensificam-se os debates sobre a cavalaria e a doutrina francesa, revelando um enfrentamento entre os dois momentos do conflito mundial, através das respectivas interpretações: de um lado, a era de ouro da máquina de guerra alemã, levando à excitação em torno das inovações, principalmente o blindado e o avião de ataque ao solo; de outro, seu gradual esfacelamento nos campos de batalha da Frente Oriental, diante de métodos aplicados com sucesso pelas tropas soviéticas, muitas vezes recorrendo a elementos clássicos como a cavalaria, tão desacreditada entre 1939-1941.

Ademais, há discussões relevantes sobre os problemas trazidos pela guerra em relação às condições do Exército e sua estreita ligação com as condições geopolíticas nacionais. Essas discussões revelam muito do que era nosso exército naquele momento; muito do que a II Guerra Mundial representou para a instituição militar brasileira; e, por fim, muito do que o maior conflito da história da humanidade nos deixou de legado para pensarmos nossos problemas militares à luz de nossas deficiências e problemas históricos, e também à luz das necessidades da arena militar internacional, que impõe demandas implacáveis aos países periféricos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

I. Referências Bibliográficas

ADAMSKY, Dima. *The Culture of Military Innovation*. Stanford: Stanford University Press, 2010.

ALVES, Vágner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: História de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2002.

BASTOS FILHO, Jayme de Araújo. *A Missão Militar Francesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1994.

BAYLIS, John; WIRTZ, James; COHEN, Eliot & GRAY, Colin (orgs), *Strategy in the Contemporary World*. New York: Oxford, 2010.

- CARTIER, Raymond. *A Segunda Guerra Mundial*. Editora Larousse do Brasil – Paris Match, 1967.
- CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CASTRO, Celso. *Os Militares e a Republica: Um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- CITINO, Roberto M. *Blitzkrieg to Desert Storm: The Evolution of Operacional Warfare*. University Press of Kansas, 2004.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- COELHO, Edmundo Campos. *Em Busca de Identidade: o Exército e a política na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976.
- COELHO, Moacyr Ribeiro. *A Motomecanização e o Espírito de Cavalaria*. In: *A Defesa Nacional*: Julho de 1940.
- COHEN, Eliot. *Technology and Warfare*. In: BAYLIS, John; WIRTZ, James; COHEN, Eliot & GRAY, Colin (orgs), *Strategy in the Contemporary World*. New York: Oxford, 2010.
- CONSTANTINO, Núncia. *Pesquisa Histórica e Análise de Conteúdo: Pertinência e Possibilidades*. In Revista Estudos Ibero-Americanos. Junho 2002.
- EVERA, Stephen Van. *What are Case Studies? How Should they be Performed? Guide Method for Students of Political Science*. Ithaca: Cornell University Press, 1997.
- FARRELL, Theo G. & TERRIFF, Terry. *The Sources of Military Change*. In idem, *Sources of Military Change: Culture, Politics, Technology*. Boulder, CO: Lynne Rienner, 2002.
- FULLER, J. F. C. *A Conduta da Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002.
- GALVÃO, Álvaro. *As Grandes Decisões Estratégicas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1977.
- GAULLE, Charles De. *Memórias de Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979.
- _____. *Por um Exército Profissional*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1996.
- GEYER, Michael. *Estratégia Alemã na Era das Maquinas de Guerra: 1914-1945*. In:
- PARET, Peter. (org.) *Construtores da Estratégia Moderna*. Tomo 2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2003.
- GUDERIAN, Heinz. *Achtung Panzer!* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2009.
- HOUSE, Jonathan. *Combinação das Armas – A Guerra no Século XX*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2008.
- HOWARD, Michael. *Homem versus Fogo: Doutrina Ofensiva em 1914*. In: PARET, Peter (org.). *Construtores da Estratégia Moderna*. Tomo 2. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2003.
- LOURO, João Marcos Macedo. “O Cavalo ou o Motor”: *Análise do Processo de Motomecanização no Exército Brasileiro (1921-1942)*. Tese de Mestrado em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança, defendida na UFF, em 2011.

MAGALHÃES, João Batista. *A evolução militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998.

MANNHEIM, Karl. *Ideology and Utopia*. New York: Harvest Books, 1936.

MARTINS FILHO, João. *A Influência Doutrinária Francesa Sobre os Militares Brasileiros nos anos 60*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, V. 23, Nr 67. São Paulo: ANPOCS, 2008. (pp. 39 – 50).

MIRANDA, Jaguarê Saraiva. *A ECEME no contexto histórico de 1905 a 1920: idéias, valores, relacionamentos com a sociedade, eventos políticos, sociais, econômicos e militares*. Rio de Janeiro: ECEME, 2002.

MORAIS, João Rafael Gualberto de Souza. *A Intelectualidade Militar Brasileira e sua Reflexão Sobre a Blitzkrieg*. Dissertação de Mestrado em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança, defendida na UFF, em 2012.

MORAN, Daniel. *Strategic Theory and the History of War*. In: BAYLIS, John; WIRTZ, James; COHEN, Eliot & GRAY, Colin (orgs), *Strategy in the Contemporary World*. New York: Oxford, 2010.

MOTTA, Jehovah. *Formação do oficial do Exército*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998.

MURRAY, Williamson; MILLET, Allan. (ed.) *Military Innovation in the Interwar Period*. Cambridge University Press. 1996.

MATIAS, Glauber Rabelo. *Intelectuais como Missão: revisitando Karl Mannheim*. Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar. Nº 11, Dez/Jan/Fev/Mar/2007 – Quadrimestral. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Estadual de Maringá.

MCCANN, Frank D. *Soldados da Pátria: História do Exército Brasileiro (1889-1937)*. Co-edição Companhia das Letras e Biblioteca do Exército Editora, 2009.

DOMINGOS NETO, Manuel. *Acerca da Modernização do Exercito*. In: *Comunicação e Política*. Rio de Janeiro: v. 22, n. 3; 2004.

_____. *Gamelin, O modernizador do Exercito*. In: *Tensões Mundiais*, Fortaleza, v. 3, n. 4, jan/jun. 2007.

PAIVA CHAVES, Carlos Flores de. *Da Motorização e da mecanização da Cavalaria*. Conferencia realizada no Curso de Informações da Escola de Estado Maior, 1936. In: *Revista Militar Brasileira: 1937*.

ROSEN, Stephen Peter. *Winning the Next War: Innovation and the Modern Military*. Nova Iorque: Cornell University Press, 1991.

STOLFI, R. H. S. *Hitler's Panzers East – World War II Reinterpreted*. University of Oklahoma Press, 1992.

II. Lista de Fontes Primárias

ALMEIDA, Pedro Geraldo de. *O Tiro das Baterias Contra os Engenhos Mecânicos*. In: *A Defesa Nacional*: Agosto de 1940.

ARARIPE, T. A. *A Doutrina e os Processos de Guerra: sua aplicação na América Latina*. In: *A Defesa Nacional*: Abril de 1940.

_____. *A Doutrina Francesa e a Guerra de 1940*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1942.

AVELINE, Felicíssimo de Azevedo. *Sobre o Exército Francês*. In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1944.

_____. *Sobre o Exército Francês*. In: *A Defesa Nacional*: Fevereiro de 1944.

BENCHIMOL, Aarão. *Elementos de Apoio aos Engenhos Blindados*. In: *A Defesa Nacional*: Julho de 1941.

BETHLEM, Fernando Belfort (trad.). *Cavalaria em Creta*. In: *A Defesa Nacional*: Julho de 1942.

_____. *O Emprego da Cavalaria*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1942.

BRANCO, Umberto Castelo. *A Nova Escola de Cavalaria: bases de sua organização*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1939.

BRASIL, A. de Assis. *Carros de Assalto*. In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1941.

BRAYNER, Floriano. *Defensiva em Grandes Frentes*. In: *A Defesa Nacional*: Outubro 1939.

_____. *A Luta dos Carros e a Organização da Defesa dos Engenhos Couraçados na Ofensiva*. In: *A Defesa Nacional*: Dezembro de 1942.

BRIGIDO, Renato Bitencourt (trad.). *A Batalha dos Tanks na Frente de Madrid: em 29 de Outubro de 1936*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1939.

_____. *A Batalha dos Tanks na Frente de Madrid: em 29 de Outubro de 1936* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Outubro de 1939.

CABRAL, Vitor Hugo de Alencar. *Emprego dos Carros no Combate*. In: *A Defesa Nacional*: Outubro de 1941.

CARNAÚBA, Arthur. *A Cavalaria Moderna*. In: *A Defesa Nacional*: Julho de 1944.

_____. *A Cavalaria Moderna*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1944.

_____. *Esta é a Verdade Sobre a Cavalaria*. In: *A Defesa Nacional*: Agosto de 1942.

CARVALHO, Nelson R. de (trad.). *Paraquedistas*. In: *A Defesa Nacional*: Dezembro de 1941.

COELHO, Durval Magalhães. *A propósito da Motorização*. In: *A Defesa Nacional*: Agosto de 1936.

_____. *Carros de Combate: resumo histórico*. In: *A Defesa Nacional*: Outubro de 1940.

COELHO, Durval de Magalhães (trad.). *A Ruptura de Sedan*. In: *A Defesa Nacional*: Agosto de 1941.

_____. *A Ação da 1ª Panzer Division no Começo de Maio de 1940* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Novembro de 1941.

CORD, Paulo Mac (trad.). *A Tática Alemã na Rússia*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1942.

_____. *O Emprego dos Carros de Combate na Batalha* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Novembro de 1944.

_____. *A Tática Alemã na Rússia* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Outubro de 1942.

_____. *A Tática Alemã na Rússia* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Novembro de 1942.

_____. *A Tática Alemã na Rússia* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Novembro de 1942.

CORREIA, Mendes Ajax. *A Secção de Morteiros na Ofensiva*. In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1939.

_____. *A Secção de Morteiros na Ofensiva*. In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1939.

DÄNIKER. *A Condição Militar Alemã e o Valor do Soldado Alemão*. In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1942.

D'ASCENSÃO, J. S. *Elementos Mecanizados da D. C.* In: *A Defesa Nacional*: Fevereiro de 1943.

DENYS, Olindo. *A Artilharia e as Ações Anti-Carro*. In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1939.

_____. *A Artilharia e as Ações Anti-Carro*. In: *A Defesa Nacional*: Fevereiro de 1939.

_____. *A Artilharia e as Ações Anti-Carro*. In: *A Defesa Nacional*: Março de 1939.

_____. *A Artilharia e as Ações Anti-Carro*. In: *A Defesa Nacional*: Abril de 1939.

FACÓ, João. *O Emprego da Cavalaria na Batalha*. In: *A Defesa Nacional*: Março de 1944.

FIALHO, Adalardo (trad.). *A Seleção do Chefe no Exército Alemão*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1944.

FIGUEIREDO, Lima. *A Artilharia de DCA*. In: *A Defesa Nacional*: Novembro de 1940.

_____. *Blitzkrieg*. In: *A Defesa Nacional*: Outubro de 1940.

FONSECA, Candal (trad.). *A Verdadeira História da Batalha de Flandres*. In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1942.

_____. *A Verdadeira História da Batalha de Flandres* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1942.

FONSECA, Cíbele Silva (trad.). *Motorização e a Mecanização*. In: *A Defesa Nacional*: Abril de 1942.

FREITAS, Tácito de (trad.). *Companhia de Engenhos Anti-Carro Norte-Americana*. In: *A Defesa Nacional*: Dezembro de 1941.

_____. *Companhia de Engenhos Anti-Carro Norte-Americana* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Dezembro de 1941.

_____ *O Que Aconteceu em Sedan* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Fevereiro de 1942.

GARRASTAZU, Hugo. *Alguns problemas da Cavalaria em face do material moderno*. In: *A Defesa Nacional*: Outubro de 1941.

GOMES, Ivano. *Revisão da Doutrina de Guerra*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1942.

GRAÇA, Jayme. *A Batalha de Minsk-Bialystoc, da Guerra Germano-Russa e as Clássicas Manobras Militares*. In: *A Defesa Nacional*: Outubro de 1941.

GUERREIRO, Nilo. *A Incontestável Supremacia Aérea na Vitória*. In: *A Defesa Nacional*: Julho de 1943.

_____ *O Bombardeio em Mergulho e a Aviação de Assalto*. In: *A Defesa Nacional*: Agosto de 1941.

_____ *Notas de Tática Aérea*. In: *A Defesa Nacional*: Fevereiro de 1942.

_____ *Notas de Tática Aérea*. In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1942.

_____ *O Triângulo da Vitória Alemã no Continente*. In: *A Defesa Nacional*: Março de 1941.

_____ *A Aviação de Assalto*. In: *A Defesa Nacional*: Novembro de 1938.

HERRERA, Heitor A. *A Doutrina de Guerra Francesa e a Campanha de 1940*. In: *A Defesa Nacional*: Agosto de 1944.

KLINGER, Bertoldo (trad.). *Ataques a Cavalo*. In: *A Defesa Nacional*: Junho de 1940.

_____ *Geografia e Potência Naval com Atenção à Guerra Atual*. In: *A Defesa Nacional*: Março de 1942.

LEAL, Xavier. *Cavalo ou Motor*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1942.

LIMA, Onofre Gomes de (trad.). *O Combate Contra os engenhos Couraçados*. In: *A Defesa Nacional*: Fevereiro de 1939.

_____ *O Combate Contra os Engenhos Couraçados* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Março de 1939.

_____ *O Combate Contra os Engenhos Couraçados*. In: *A Defesa Nacional*: Abril de 1939.

LIMA, Luis Flamarion Barreto. *A Guerra Mecânica*. In: *A Defesa Nacional*: Outubro de 1940.

LIRA, Antônio Pereira. *A Cavalaria a Cavalo Transportada em Viaturas Automóveis*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1941.

LIMA, Alencar. *Reaprovisionamento das G. U. Moto-mecanizadas no Decurso das Operações*. In: *A Defesa Nacional*: Novembro de 1942.

LIMA, Correia. *O Exército em Face do Estado Novo*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1938.

LOPES, J. Codeceira. *Orgulhos da Cavalaria...* In: *A Defesa Nacional*: Novembro de 1940.

LOTT, Henrique B. T. *Princípios que Regem as Operações Alemãs*. In: *A Defesa Nacional*: Fevereiro de 1942.

_____. *Unidades Blindadas no Caminho da Vitória* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1942.

MACHADO, Floriano (trad.). *Métodos de D. C. A*. In: *A Defesa Nacional*: Abril de 1942.

MAGALHÃES, J. B. *O Segundo Turno na Rússia*. In: *A Defesa Nacional*: Outubro de 1942.

_____. *O Brasil, e Paz e a Guerra*. In: *A Defesa Nacional*: Outubro de 1938.

_____. *Os Reajustamentos da Doutrina*. In: *A Defesa Nacional*: Fevereiro de 1944.

_____. *Os Reajustamentos da Doutrina*. In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1944.

_____. *Doutrina de Guerra e Processos de Ação*. In: *A Defesa Nacional*: Outubro de 1944.

_____. *A D. I. Germânica* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Dezembro de 1942.

MALAN, Alfredo. *“Arma de Transmissões” e não “Serviço de Transmissões”*. In: *A Defesa Nacional*: Junho de 1943.

MATTOS, C. M. *Estudo das Transmissões no Combate Ofensivo, e em Particular no Âmbito das Vanguardas*. In: *A Defesa Nacional*: Abril de 1943.

MENEZES, Amílcar Dutra de. *O Carro em Face do Anti-Carro na Rutúra*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1939.

_____. *O Carro em Face do Anti-Carro na Rutúra*. In: *A Defesa Nacional*: Outubro de 1939.

MORAES, Antônio H. A. de, SANTOS, Adalberto P. dos (trad.). *Unidades Blindadas, Armamento, Organização e Características*. In: *A Defesa Nacional*: Março de 1942.

_____. *A Artilharia Numa Divisão Blindada* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1942.

_____. *A Ligação Artilharia-Carros* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1942.

MOURA, Hugo de Mattos (trad.). *Características e Organização da Divisão Motorizada*. In: *A Defesa Nacional*: Abril de 1943.

_____. *A Infantaria Contra os Engenhos Blindados – Doutrina Japonesa*. In: *A Defesa Nacional*: Maio de 1941.

MOURÃO FILHO, Olympio. *Paraquedistas – reflexões*. In: *A Defesa Nacional*: Julho de 1941.

_____. *Reflexões sobre a Doutrina de Emprego dos Carros de Combate*. In: *A Defesa Nacional*: Julho de 1942.

_____. *Reflexões Sobre a Doutrina de Emprego dos Carros de Combate*. In: *A Defesa Nacional*: Agosto de 1942.

_____. *Reflexões Sobre a Doutrina de Emprego dos Carros de Combate*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1942.

_____. *Reflexões Sobre a Doutrina de Emprego dos Carros de Combate*. In: *A Defesa Nacional*: Novembro de 1942.

_____. *Reflexões Sobre a Doutrina de Emprego dos Carros de Combate*. In: *A Defesa Nacional*: Dezembro de 1942.

NASCIMENTO, Newton Franklin do. *O Estado Maior do Exército e seus Problemas*. In: *A Defesa Nacional*: Outubro de 1938.

_____. *Emprego da Artilharia de 75mm em Face da Motorização*. In: *A Defesa Nacional*: Maio de 1940.

NUNES, Renato Batista (trad.). *A Defesa de Château-Thierry e a Morte Heróica do Aspirante de Carros Charles-Armand de Rougé em 10 de Junho de 1940*. In: *A Defesa Nacional*: Abril de 1942.

PAMPHIRO, A. J. *A Engenharia de Corpo de Exército na Marcha ao Inimigo*. In: *A Defesa Nacional*: Maio de 1939.

PARANHOS, Otávio. *A Ligação Tática entre as Unidades na Progressão Ofensiva*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1940.

PEREGRINO, Umberto (trad.). *Lições da Guerra Civil Espanhola*. In: *A Defesa Nacional*: Fevereiro de 1942.

_____. *A Importância Militar do Transporte Automóvel*. In: *A Defesa Nacional*: Julho de 1938.

_____. *As Operações Militares sobre a Frente Ocidental*. In: *A Defesa Nacional*: Março de 1941.

_____. *A Mecanização e a Cavalaria*. In: *A Defesa Nacional*: Agosto de 1941.

PESSOA, José Bezerra (trad.). *Conservação dos Carros no Ataque*. In: *A Defesa Nacional*: Abril de 1943.

POTYGUARA, Moacyr. *A Moto-mecanização e a Cavalaria*. In: *A Defesa Nacional*: Março de 1941.

_____. *O Problema da visão nos A.M. e nos Carros*. In: *A Defesa Nacional*: Agosto de 1941.

_____. *Atividade da Sub-Unidade Escola Mecanizada*. In: *A Defesa Nacional*: Junho de 1939.

_____. *Observações à margem das manobras de 1940*. In: *A Defesa Nacional*: Julho de 1940.

_____. *Defesa Contra Engenhos Blindados*. In: *A Defesa Nacional*: Dezembro de 1940.

PULCHERIO, Hoche. *A cavalaria – o ciclo de sua evolução*. In: *A Defesa Nacional*: Junho de 1941.

RANGEL, João Batista. *O Fogo da Infantaria na Ofensiva*. In: *A Defesa Nacional*: Julho de 1940.

REIS NETO, Malvino (trad.). *A Campanha da Polônia: as grandes unidades mecanizadas na Polônia*. In: *A Defesa Nacional*: Junho de 1940.

_____. *Campanha da Polônia* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Dezembro de 1940.

_____. *O Avião de Assalto Contra as Divisões Blindadas* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1941.

REIS, Souza. *Carros de Assalto e doutrinas de combate na Alemanha e URSS*. In: *A Defesa Nacional*: Fevereiro de 1938.

RIBEIRO, Djalma Dias. *Considerações Sobre o Emprego dos Canhões e Morteiros*. In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1940.

SILVA, Paulo Enéas da. *Um Estudo Sobre Destacamento de Descoberta Moto-Mecanizado*. In: *A Defesa Nacional*: Novembro de 1939.

SILVA, A Costa e. *As Forças Blindadas Alemãs na Líbia*. In: *A Defesa Nacional*: Junho de 1943.

SILVEIRA, Luiz Augusto (trad.). *A Importância das Transmissões no Exército Alemão*. In: *A Defesa Nacional*: Novembro de 1941.

SILVEIRA, Fernando Soter da (trad.). *Companhia Anti-Carros do Regimento de Infantaria*. In: *A Defesa Nacional*: Novembro de 1941.

TAVARES, A. Lyra (trad.). *A Campanha da África do Norte*. In: *A Defesa Nacional*: Julho de 1943.

VASCONCELOS, Armando Pereira de (trad.). *Ataque Partindo das Nuvens na Batalha de Creta*. In: *A Defesa Nacional*: Janeiro de 1942.

_____. *As Novidades da Guerra Atual*. In: *A Defesa Nacional*: Março de 1942.

_____. *A Artilharia para o Acompanhamento dos Tanks no Ataque* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Novembro de 1943.

_____. *As Forças Aéreas de Cooperação com o Exército* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Dezembro de 1943.

_____. *As Realidades da Guerra* (trad.). In: *A Defesa Nacional*: Março de 1944.

_____. *Os Combates de uma Divisão Blindada*. In: *A Defesa Nacional*: Agosto de 1941.

_____. *A Artilharia no Ataque*. In: *A Defesa Nacional*: Setembro de 1941.